

* Professor da UFPA

¹ Trata-se da atualização da palestra intitulada “O Pensamento de Heidegger em Benedito Nunes” que foi proferida durante o Colóquio “Alemanha na Amazônia”, no Núcleo de Arte da UFPA, 26 de novembro 1998.

² Gilberto Gil no seu pronunciamento como Ministro de Cultura, em Macapá (AP), no dia 28 de abril de 2008. O início da fala: “Hoje estamos dando um passo decisivo a fim de impulsionar e ampliar a produção e o acesso à **cultura na Região Norte**. Apenas juntos podemos romper com o **jogo excludente** que, de um lado, **priva o Norte do Brasil** e, de outro, **priva o Brasil do Norte**. Uma região que carrega não só uma biodiversidade rica e exuberante, mas uma semiodiversidade também rica e exuberante, precisa zelar não só pela preservação de seu ambiente, mas pela preservação de suas culturas. Das 180 **línguas faladas pelos povos indígenas** hoje no Brasil, cerca de 140 se concentram na Região Norte. E pensar que há 500 anos, às vésperas da conquista, os povos indígenas do país falavam cerca de 1200 línguas. Ou seja, de lá para cá, tivemos uma redução de 85%. Isso é muito grave, é um crime. E o crime cultural pode ser tão danoso e irreversível quanto o crime ambiental. Sabemos que, **quando morre uma língua, morre também uma cultura**. Devemos todos passar a compreender a gravidade dessa situação e a nos empenhar pela valorização da extraordinária **diversidade cultural** que pulsa na região Norte” (grifado por mim).

³ Sobre a particularidade da obra *Ser e Tempo*, B.Nunes alerta o leitor: “esse livro, que se propunha a investigar o mais antigo dos problemas filosóficos, parecia compartilhar da tendência para o retorno à especulação metafísica que empolgou outros pensadores na década de 20” (NUNES, 1992: 9).

Da Floresta Negra ao Verdevagomundo – O Pensamento de Heidegger em Benedito Nunes¹

Gunter Karl Pressler*

Talvez a presença do “vasto mundo verde”², o arquipélago das águas amazônicas, há muito tempo aparentemente sem história e tempo, sensibilizou a disponibilidade do filósofo Benedito Nunes à escolha da questão ontológica do ser-no-mundo em Martin Heidegger. A ontologia e a metafísica estavam de volta no século XX. Depois do Idealismo Alemão com Kant, Fichte, Hegel; a segunda metade do século XIX - diante do desenvolvimento acelerado da sociedade moderna: tecnologia, metrópoles e ritmos “desnaturalizados” à percepção humana (a questão da velocidade) - valorizou duas questões principais para a vida moderna e pós-moderna: a **historicidade** e a **temporalidade**.

A respeito da primeira questão, encontramos a proposta de Wilhelm Dilthey (1833-1911) em vista à fundamentação das ciências humanas, diante da cientificidade das exatas, chamada também a ciência da razão histórica ou a construção do mundo histórico nas ciências humanas. Para a segunda proposta, a do conceito do tempo psicológico, encontramos a proposta de Henri Bergson (1859-1941): “duração” (“durée”). As duas tendências surgem de forma bem marcante nos meados do século XX na Filosofia da Existência, no Marxismo da Escola de Frankfurt e, numa grande expressão filosófica, no pensamento de Martin Heidegger³.

A imprescindível temporalidade funda a subjetividade, constata Benedito Nunes, “o eu sou, o quem do Dasein [ser-aí], como ser-no-mundo” (NUNES 1993: 11). E, depois de uma longa caminhada, atravessando toda a história da filosofia e da arte, concluiu a sua *Introdução à Filosofia da Arte* (1962) com a pergunta: “Abstração é deshumanização?” — um balanço caracterizado pelo prefixo “de” ou “des” — decomposição da realidade, destruição estética e filosófica, desvendamento do “Ser-aí” (“Dasein”), desconstrução da subjetividade, depuração dos próprios sentimentos, desinteresse humano,

dessacralização e desumanização da arte, desgaste da presença da obra de arte, devastação da terra — um balanço que procura uma compreensão crítica do niilismo ativo; desembocando no pensamento do seu filósofo de escolha, Martin Heidegger, o filósofo da Floresta Negra, da terra escura e firme.

Heidegger levantou na década de 1930 aquela questão da temporalidade com sua obra prima, mas inacabada: *Ser e Tempo* (1927) de uma maneira diferente de filosofar e marcante para toda a filosofia posterior. E, neste momento e nesta particularidade, encontramos a sedução de pensar, explica Nunes: não estive sob o efeito do “encantamento mimético, produzido pelo vigor de invenções verbais que atuam com a força de uma revelação misteriosófica para iniciados” (NUNES 1993: 7). A analítica do “Dasein” o desafiou; a *prática meditante* cristalizada como “passagem para o poético” (1986) seduziu o historiador da filosofia e da estética e o crítico literário para “um novo tempo e para uma nova História: um pós-niilismo” (NUNES, 1993: 15).

Entretanto, a década de 1960 foi decisiva para a formação do pensamento de Benedito Nunes, gerou a sua *Filosofia Contemporânea* (1967) e fundamentou o seu estudo exemplar e significativo para toda crítica literária no Brasil, a sua **abordagem filosófico-literária da obra de Clarice Lispector** (1966 e 1973). O fascínio do fragmento, do inacabado, de certa contradição da obra *Ser e Tempo* que “voltando ao problema-mor da tradição filosófica, rejeitado ou neutralizado pelas correntes modernas, esse fragmento de uma obra segmentada revolveu a especulação metafísica a que aparentava retornar” (NUNES 1992: 9), permanece até hoje. “O fenômeno primordial da temporalidade”, nessa investigação de Heidegger, reconhece Nunes, é “a questão do *sentido do ser em geral*” (NUNES 1992: 10, grifo no original) e, com isso, seu gancho e a empolgação.

Benedito Nunes tornou-se o **pensador de Heidegger no Brasil** - na sua forma particular da apropriação crítica e autônoma. Ele não estudou filosofia na Alemanha (como pensei no primeiro momento), estudou em Paris com Paul Ricoeur e Maurice Merleau-Ponty, fenomenólogos importantes do pensamento francês deste século. Isso sugeria uma leitura do pensamento heideggeriano pela recepção deles, sabendo que *A Carta sobre o Humanismo*, de Heidegger, de 1946, influenciou significativamente a filosofia francesa do pós-guerra; influenciou e enganou no mesmo instante como Jürgen Habermas constata na sua crítica a Jacques Derrida: “O homem como o ser para a morte, já viveu sempre em relação ao seu fim natural. Mas agora trata-se do fim da auto-compreensão humanística: na apatridade do niilismo não é o homem que vadia cego, mas a essência do homem [...] Heidegger preparou a finalização de uma época que talvez no sentido histórico-ontico nunca termina” (HABERMAS 1985: 191).

Não pretendo comprovar se a influência de Heidegger em Nunes ocorreu através dos franceses ou não, apesar do fascínio do ponto de vista da teoria da recepção que é o meu campo de pesquisa: a formação da intelectualidade brasileira (o pensamento de W.Benjamin no Brasil). No primeiro momento, sempre me coloco como leitor ingênuo no sentido de Hans Robert Jauss que fala dos três passos da leitura: “uma primeira leitura de percepção estética”, a leitura crítica de “interpretação retrospectiva” e a terceira leitura, “a histórica”

⁴ J. Amado *apud* Paulo Nunes 2001: 67. D. Jurandir mesmo caracteriza seu estilo assim: “Eu me fixo muito na linguagem, nos vagares da narrativa, no ritmo lento das cenas” (Jurandir, 1996: 29).

(JAUSS 1983: 305s), percebo que Nunes conduz o leitor brasileiro para o conhecimento histórico e sistemático de Heidegger; nesse instante, ele é historiador do pensamento de Heidegger em que o ápice é visto no livro *Passagem para o Poético* (1986). Uma aplicação desse pensamento, encontramos no campo da literatura brasileira, uma interpretação filosófica da estrutura narrativa acerca do tempo: os livros sobre Clarice Lispector, no qual se vê originalidade do filósofo e crítico literário.

Benedito Nunes mergulha profundamente nas “**Experiências do Tempo**” (NUNES, 1992), como intitulou sua exposição para o ciclo de conferências “Tempo e História, Caminhos da Memória, Trilhos do Futuro”, em São Paulo, em 1992. Uma abordagem do tempo formada pela leitura de Heidegger e de outros, um desdobramento ontológico que inclui passagens difíceis, bastante difíceis pela abstração do visível, pela paradoxalidade e pela tautologia do assunto. O que aparece como tautologia tem uma consistência que conquista no sentido do alemão “begreifen”, uma variação do verbo “greifen” (“pegar”; substantivo “Griff”, “alça”, “ligado à mão”, “tocar”, “anfassen”). De outro lado, Nunes consegue transmitir um assunto tão complexo e abstrato para o iniciante (o iniciante não só entendido como aluno da graduação universitário, mas também “iniciante” mais entendido como aquele profissional, professor e pesquisador que, depois de longas viagens e passando por aperfeiçoamentos da formação acadêmica, alcança, digamos assim, a **instância socrática**: fazer uma pergunta simples, compreender a questão a partir do início).

Introduzindo o tema tempo, Nunes cita o romance *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann, ilustrando essa questão do **tempo na música**. Tempo é matéria prima na música como **elemento da narrativa**. “É mais fácil compreender as ligações do tempo com a música, por ser esta basicamente articulada segundo medidas temporais (ritmo, compasso e andamento ou velocidade), do que com as formas narrativas, nas quais se apresenta quase sempre de modo implícito” (NUNES 1988: 6). Jorge Amado, por exemplo, usa a metáfora do rio, do ritmo lento e constante para caracterizar a maneira de narrar de Dalcídio Jurandir: “esse romance lembra-me certas músicas de órgão, lentas e profundas”⁴ e Paulo Nunes achou a expressão feliz e prometida, “Aquonarrativa” para a narrativa dalcidianiana. No romance *Chove nos Campos da Cachoeira*, o tempo não é função determinada na estruturação da narrativa, o tempo é a narrativa, a narrativa é o tempo.

Entretanto, Benedito Nunes oferece no seu livro *O Tempo na Narrativa* (1988) uma leitura didática no melhor sentido. **Didática** como **transmissão de um conteúdo complexo** - não como transmissão de um significado de um horizonte já limitado. Viajar no espaço e no tempo do pensamento humano necessita, de vez em quando, parar e voltar à origem - não no sentido nostálgico, mas no sentido de (re)ligar-se as suas raízes e à origem da questão, como diz David Daiches: “Não tem a menor significação aprender uma série de respostas, quando não se conhece quais são as perguntas, a quem atender” (DAICHES, 1967: 8).

E nesse sentido, Benedito Nunes é mestre. Ele sabe e sempre se faz ouvinte e leitor (“guerreiro da lida”, usando uma expressão da poetisa bragantina Leila

⁵ J.G.Merquior 1980: 20. As referências dessa dicotomia encontram-se em F.Strich, R.Jakobson e V.Zirmúnski. Prazer distinguia a magia “homeopática”: “confusão de semelhanças com causalidade, de magia ‘contagiosa’: confusão de contigüidade com causalidade”.

Nascimento, 1998: 15). Depois de uma abordagem crítica (**crítica** entendida como **construtiva**, como falar bem sobre uma obra, porque vale a pena levantar uma determinada questão a partir de uma determinada obra; criticar não é falar mal), após focar a questão do tempo e da temporalidade na obra de Clarice Lispector, ele volta - digo isso com todo cuidado (lembro-me bem quando usei a palavra “resgate” numa pergunta ao Benedito Nunes depois de uma palestra sobre Dalcídio Jurandir); Nunes volta ou retoma, então, à origem da sua terra-água, divulgando a obra desse autor exemplar (2006). A consciência individual e a sondagem introspectiva que Nunes detecta com grande mestria em Clarice Lispector caracterizam o enfoque ontológico como sondagem existencial, o que também encontramos em Dalcídio Jurandir, pensamos no primeiro romance do “Ciclo do Extremo Norte”, *Chove nos Campos de Cachoeira* (escrito 1929, publicado 1941). A sondagem existencial é mais de uma sondagem individual de Eutanázio, é a **sondagem existencial** de um grupo de seres humanos: os ribeirinhos do interior do Pará, o amazônida, os habitantes da ilha de Marajó. Mas no modo de apreensão artística de Dalcídio Jurandir, reconheço a ligação dialética entre o coletivo e o individual: o coletivo é o individual, concretiza-se no indivíduo como indivíduo social e, com isso, depende do social que é uma questão do poder econômico e político; o abandono do interior pelo dono do interior que vive na cidade grande, na metrópole.

O grito na obra de C.Lispector é o grito do vazio, no sentido existencial: o herói moderno/a heroína moderna até pós-moderna, “esvaziamento do sujeito” (1989: 156), diz Nunes; o herói perdido, a heroína perdida no vazio da existência, no absurdo, compreendida com a filosofia da existência de Jean Paul Sartre e Albert Camus, não no sentido do “Dasein”, do “Ser-ai” de Heidegger. O grito na obra de Dalcídio Jurandir é diferente, é o grito existencial diante do vazio do abandono, do abandono do ribeirinho, o grito de um sujeito saindo da “**existência inautêntica**, de Heidegger, mergulhada no **anonimato coletivo**” (NUNES 1969: 131); o grito do absurdo existencial diante da pobreza produzida ali no interior (lembramos no final do romance: o Doutor Lustosa que compra toda terra em torno da vila de Cachoeira; “ao vencedor as batatas”). O grito do absurdo diante, ou melhor, no meio do cheio, da presença, da fertilidade e da rica natureza poetizada na imagem da Irene, “Irene ou o princípio do mundo”, o questionamento:

Sim, como veio tão bela! Perdera aquela brutalidade, aquele riso, aquele desleixo. Veio calma na sua marcha para a maternidade. Eutanázio abriu mais os olhos. Ninguém ficou na saleta.

Desejou passar a mão naquele ventre que crescia vagaroso como a enchente, com a chuva que estava caindo sobre os campos. Desejaria beijá-lo. Estava vendo ali a Criação, a Gênese, a Vida. Havia nela qualquer coisa de satisfeito, de profundamente calmo e de inocente. Não dava mostra nenhuma de sofrimento, nem de queixa, nem de ostentação. Era como a terra no inverno. Seu ventre recebeu o amor como uma terra. Como a terra dos campos de Cachoeira recebia as grandes chuvas. Por isso ela já humilhava-o de maneira diferente (JURANDIR, 1998: 399).

O “**fracasso da linguagem**” de que fala Benedito Nunes em Clarice Lispector não se encontra em Dalcídio Jurandir. O narrador é diferente, não é um narrador na primeira pessoa que envolve o leitor e si mesmo num metadiscurso sobre a existência e sobre o meio desta expressão: a linguagem. “Fracasso” entendida no sentido filosófico, alerta Nunes, “de acordo com a conotação que lhe emprestam as concepções existenciais” (NUNES, 1969: 137). Nunes fala desse fracasso da linguagem dentro do tópico do “**jogo da linguagem**” e destaca que esse jogo analisado na obra de Lispector recebe uma direção oposto em Guimarães Rosa que

apresenta um estilo de acréscimo: palavras novas, riqueza semântica, exploração dos veios arcaicos da língua, invenção de modalidades sintáticas etc. Assim o exigem a diversidade humana, a pletora do mundo, a generosidade da Natureza, a exaltação da realidade sensível no romancista de Grande Sertão: Veredas” [...] Guimarães Rosa alcança a transcendência através da afirmação do mundo, com todas as suas pompas, com todas as suas contradições, religiosas, metafísicas e éticas” (NUNES 1969: 138).

Essa transcendência “assemelha-se mais a uma trans-descendência [em C.Lispector]. É uma espécie de mergulho nas potências obscuras da vida, através da negação do mundo” (l.c.) - e a narrativa de Dalcídio Jurandir? Eu me arrisco constatar uma trans-descendência diferente, no meio do caminho entre Lispector e Rosa. O “fracasso” em Jurandir é o “**fracasso total da sociabilidade da linguagem**” (“com perfeição e criatividade solitária ela se faz igual à própria natureza; ela é vida, expressão das realidades externas e internas e não se dissolve nas coisas” (NUNES, 1969: 97)). O “fracasso” é o fracasso ainda mais da **sociabilidade do próprio ser humano** diante das condições inumanas do seu ser-aí (“Dasein”).

Pode ser que nessa comparação entre Lispector, Rosa e Jurandir encontremos a diferença histórica: a década de trinta, na literatura brasileira falamos da segunda geração dos Modernistas; Jurandir e Lispector estréiam no meio da Segunda Guerra Mundial, Guimarães Rosa logo depois da guerra. A segunda vez que a humanidade recebeu um golpe fatal e calou-se. A década de trinta caracteriza-se como um tempo de grandes mudanças sociais, políticas e culturais ainda num clima de grande esperança, mas uma esperança já atingida em intelectuais sensíveis como Walter Benjamin que se concretiza com **melancolia**: a primeira frase do livro *Chove nos Campos da Cachoeira* expressa essa melancolia: “Voltou muito cansado. Os campos o levaram para longe. O carço de tucumã o levava também, aquele carço que soubera escolher entre muitos no tanque embaixo do chalé. Quando voltou já era tarde” (JURANDIR, 1998: 117).

Depois da Segunda Guerra Mundial não tem mais melancolia. José Guilherme Merquior distingue as diferenças no uso da figura predominante da Modernidade: a **alegoria**. A Modernidade no século XX sofre uma “metamorfose da semiose literária [...] uma mudança dentro do mesmo regime semiótico” da alegoria que emerge “um outro tipo de alegoria” (MERQUIOR, 1980: 20).

David Hume

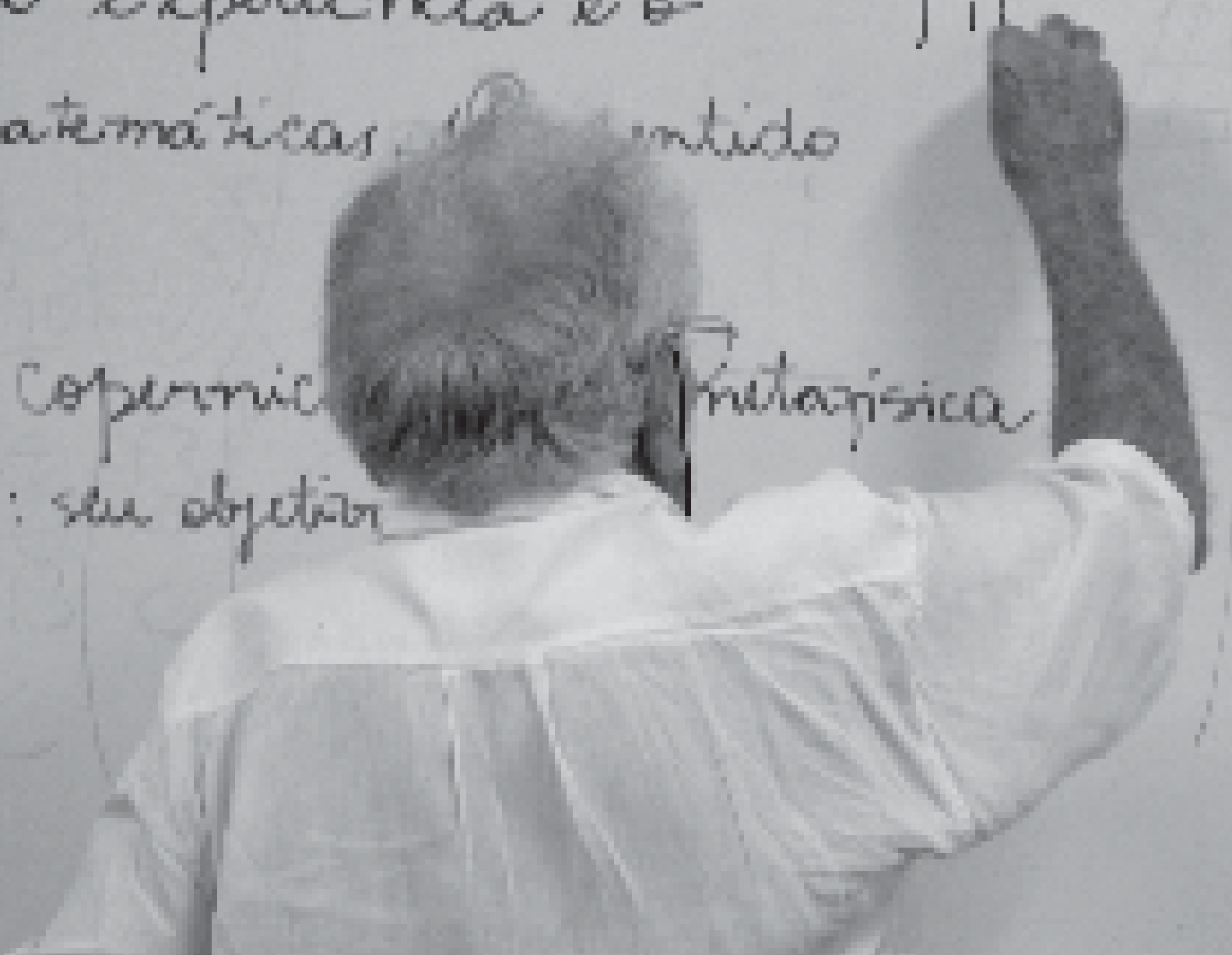
questões fundamentais

a experiência e o

matemáticas, o sentido

Copernico e a Filosofia

: seu objetivo



3. As fontes do conhecimento

Intuições puras e categoriais
Forma da experiência.

4. A Razão e as ideias racionais

antinômico da razão. Razão pura
prática. A vontade e o imperativo

5. A crítica do juízo.

